VOLTAIRE E SCHILLER: EDUCAÇÃO ESTÉTICA COMO CONDIÇÃO À LIBERDADE*

VOLTAIRE AND SCHILLER: AESTHETIC EDUCATION AS A CONDITION FOR FREEDOM

Anna Clara Carvalho Nascimento**

RESUMO
O tema que irei apresentar aqui é acerca da educação estética, mais precisamente, a educação estética na perspectiva de dois importantes filósofos do século XVIII, a saber, Voltaire e Schiller. Por educação estética aqui se entende a ferramenta que, por meio da arte, "conserta" o descompasso que há entre razão e sensibilidade. Esse descompasso aprisiona os seres humanos, levando-os a agir de forma "selvagem", "bárbara" ou "infame", portanto, imoral. Acreditando que os males morais da modernidade se fundam num problema estético, a intenção de Voltaire e Schiller é, por meio desta educação, libertar a humanidade e fazê-la agir moralmente. O filósofo alemão concorda com o francês que a arte é o único caminho à liberdade, no entanto, eles divergem a respeito de como a subjetividade humana deve se formar. O que aqui se pretende é indicar a divergência entre Schiller e Voltaire diante de como a subjetividade humana deve se configurar para que o ser humano seja livre. Voltaire pensa que filosofia e literatura se misturam, todavia, a razão deve ser o leme a guiar as paixões, sendo assim, cabe ao *philosophe* "descer à arena" da modernidade para combater a "infâmia". Para Schiller, filosofia e arte são duas coisas completamente distintas, a primeira tange ao pensamento e a segunda, ao sentimento, porém, para este filósofo, a arte tocaria as duas faculdades humanas, a de sentir e a de pensar, simultaneamente. Em sendo assim, segundo o pensamento schilleriano, cabe ao artista "descer à arena" para derrotar a "selvageria" e a "barbárie", mas não para guiar as paixões pela razão, e sim para possibilitar o "jogo", harmonizá-las, sem arbitrariedade de uma contra a outra, proporcionando, desta forma, a liberdade entre as duas faculdades naturais do indivíduo, logo, proporcionando sua própria liberdade.
PALAVRAS-CHAVE: educação estética; Schiller; Voltaire; moral; liberdade.

ABSTRACT
The theme I will present here is about aesthetic education, more precisely, aesthetic education from the perspective of two important 18th century philosophers, namely Voltaire and Schiller. Aesthetic education here means the tool that, through art, "fixes" the mismatch between reason and sensibility. This mismatch imprisons human beings, leading them to act in a "savage", "barbaric" or "infamous" way, and therefore immorally. Believing that the moral ills of modernity are based on an aesthetic problem, Voltaire and Schiller's intention is, through this education, to free humanity and make it act morally. The German philosopher agrees with the French philosopher that art is the only path to freedom, but they differ on how human subjectivity should be formed. The aim here is to point out the divergence between Schiller and Voltaire when it comes to how human subjectivity must be shaped if human beings are to be free. Voltaire thinks that philosophy and literature are intertwined, but reason must be the rudder to guide the passions, so it is up to the philosophe to "descend into the arena" of modernity to combat "infamy". For Schiller, philosophy and art are two completely different things: the first is concerned with thought and the second with feeling, but for this philosopher, art touches both human faculties, that of feeling and that of thinking, simultaneously. Therefore, according to Schillerian thought, it is up to the artist to "descend into the arena" to defeat "savagery" and "barbarism", but not to guide the passions by reason, but to enable the "game", to harmonise them, without arbitrariness of one against the other, thus providing freedom between the two natural faculties of the individual, thus providing his own freedom.
KEYWORDS: aesthetic education; Schiller; Voltaire; morality; freedom.

* Comunicação recebida em 09/07/2023 e aprovado para publicação em 13/11/2023.
** Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Sergipe /UFS. Email: claracarvalho1311@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O assunto que o trabalho irá apresentar diz respeito à Educação Estética. Por esse termo, adota-se o que Denys Riout pensou por ele, trata-se, portanto, de uma educação que "constitui uma forma de superar as tensões que não deixam de se estabelecer entre os apelos dos maus instintos e as sugestões da razão" (Riout, 2010, p. 667-668). Na modernidade, mais especificamente, no século XVIII, muitos filósofos tinham a educação estética como caminho para a liberdade do ser humano, pois entendiam, como Riout, que ela seria a ferramenta que "consertaria" a raiz do problema moral que inquietava o mundo na época, a saber, o descompasso entre as faculdades da mente. Para esses filósofos, especialmente para Voltaire e Schiller, a modernidade se encontrava no auge da "infâmia", da "barbárie" e da "selvageria", e, eles tinham a responsabilidade de solucionar esse problema, que, na concepção deles, antes de ser político, era estético. Os indivíduos são então imorais não por falta de leis, mas por falta de educação estética, por desarmonia entre a "natureza mista" – como expressou Schiller – da qual são constituídos, composta por razão e sensibilidade, essa desarmonia os aprisiona, e a humanidade só será moral quando for livre. Essa educação seria, assim, a única solução para tirá-los desse "limbo" imoral, pois ela "abre o caminho da liberdade à uma humanidade que finalmente se tornou mais harmoniosa e para a qual os sentidos e o espírito estão próximos da reconciliação" (Riout, 2010, p. 668).

É importante ressaltar que os dois filósofos aqui tratados, Voltaire e Schiller, são completamente diferentes em muitos aspectos. O primeiro, é do início do setecentos, o segundo, do final; o primeiro, francês, o segundo, alemão; o contexto em que o primeiro estava inserido era a *Lumière*, sendo ele próprio um participante do movimento, o segundo, viveu de perto a *Aufklarüng*, mas não foi um participante, ao contrário, criticou duramente o Iluminismo na Alemanha, fazendo parte então do Classicismo de Weimar e sendo um dos percussores do Romantismo alemão. Por terem vivido em tempos e espaços distintos, naturalmente, eles têm concepções diferentes do que é filosofia, para que ela serve, onde ela cabe ou não. Voltaire pensou que filosofia e literatura não se separam, pensamento esse comum entre seus contemporâneos, pois, Luiz Salinas Fortes explica em seu livro *O Iluminismo e os Reis Filósofos*, que o termo *philosophe*, na França moderna, tem um sentido mais amplo do que que se conhece hoje: usa-se para designar "homens de letras", que seriam os literatos, e os filósofos, donos de um sistema filosófico. Esse termo assim ficou identificado, pois, naquela época, muitos filósofos, a exemplo do próprio Voltaire, faziam filosofia a partir da literatura, de modo

que usavam a arte para expressar suas ideias filosóficas. Já na Alemanha, a distinção entre filósofo e artista estava muito bem definida, sendo assim, Schiller estava convicto de que cada um pertencia a seu espaço, o filósofo atendia ao pensamento e o artista ao sentimento.

Esses filósofos também divergiam no modo em que a subjetividade humana deve se configurar, o que marca a principal diferença entre eles para esse trabalho: por que a educação estética, para Voltaire, só liberta se ela for configurada de tal modo que a arte guie as paixões à razão, indicando assim, a ação moral, e, para Schiller, ela só é capaz de libertar se sua configuração designar o equilíbrio das duas faculdades da mente, sem que uma se sobressaia em relação à outra. O problema que o trabalho busca resolver é: para os dois filósofos, Schiller e Voltaire, como a mente deve se configurar a partir da educação estética para libertar o ser humano? Diante disso, pretende-se aqui apresentar o que levou cada um a pensar como pensa acerca da educação estética, o que levou a duas pessoas, que tinham tantos pensamentos semelhantes acerca da importância da arte, a se distanciarem num ponto crucial, isto é, como a alma humana deve se configurar para que os indivíduos sejam finalmente livres e morais, como deve se construir a base desse edifício da ética para que ele se sustente pelos próximos séculos.

VOLTAIRE DESCE À ARENA DA MODERNIDADE

Por ser um filósofo que viveu o século XVIII francês de forma ativa, Voltaire foi diretamente afetado pela escuridão na qual a modernidade se encontrava: na política, com reis ditadores; na religião, fiéis intolerantes que, incapazes de respeitar a fé alheia, matavam seus divergentes, a exemplo do Caso Callas; e quanto à população em geral, pouco tempo posterior a ele, fez eclodir uma das revoluções mais sangrentas da história, a Revolução Francesa.

Diante desse cenário, Voltaire não viu alternativa senão dedicar toda sua vida ao combate contra a imoralidade. O filósofo imaginava ser essa a raiz da infelicidade humana, pois, em sendo a moral, que, através da razão, estabelece a melhor maneira de relacionar-se em sociedade, a falta dela suscita exatamente o oposto: desarmonia, caos, injustiça, intolerância, ou seja, tudo que o filósofo denominou como “infâmia”. Era preciso, portanto, estabelecer a razão como guia do comportamento humano para que este fosse moral, a fim de que assim a sociedade entrasse em conformidade à justiça. Contudo, é de crucial importância para o conhecimento da atividade voltairiana a compreensão de que, a razão, apesar de necessária para essa transformação no então cenário, sozinha, não é capaz de levar os indivíduos muito longe, pois a sensibilidade também é parte constituinte do ser humano. É necessário, então, para que

a razão seja refletida nos atos dos indivíduos, que ela toque seus corações. Como Montesquieu sugere em suas Cartas Persas: "[...] com certas verdades [morais], não basta persuadir; é preciso, além disso, fazer sentir" (Montesquieu, p. 2005, p. 26). Ou seja, para mudar o comportamento humano, não basta indicar qual é a forma moral de agir, mas fazer desejar agir moralmente. Voltaire, com seu âmago educador, atribuiu o fundamento da imoralidade à falta de educação, mas não qualquer tipo de educação, uma educação que preparasse o espírito humano a desejar agir de acordo com a moral, que "lapidasse" a alma com virtudes, que indicasse, sem a pretensão de demonstrar esse intento, os bons costumes. À essa conduta, hoje se dá o nome de "educação estética", que, ao harmonizar as duas faculdades que constituem a mente, a saber, razão e sensibilidade, é capaz de aprimorar os seres humanos individualmente e melhorar a comunidade num todo.

Fazendo da falta educação estética o fundamento do problema que cercava a modernidade, o filósofo francês encontrou na arte a principal ferramenta para "consertar" o estrago moral que vinha sendo feito na sociedade no século XVIII. Voltaire, dentro de todas as suas atribuições, sempre buscou educar. Não é à toa que é considerado, na contemporaneidade, "educador da Europa" (Boisdeffre, 1978, p. 132). Ele não educava para além da sua filosofia, pelo contrário, a finalidade da mesma, para ele, era instruir as mentes e conduzir os corações ao controle do temperamento, purificação das paixões. A forma como Voltaire pensa que a arte deve ser operada, ou seja, a finalidade que ele atribui a ela, é instruir, indicar o caminho virtuoso para se viver bem em sociedade. A configuração do que seria uma educação estética, mesmo que esse termo não tenha sido utilizado por Voltaire, consiste em uma educação libertadora, que dá aos indivíduos a possibilidade de agirem de acordo com a razão, sem por isso descartar a sensibilidade. Voltaire, diferente de muitos pensadores do século XVII, reconhecia a necessidade das paixões humanas, pois mesmo tendo consciência do quão nocivas elas podiam ser, não estava convencido de que sempre o eram. No capítulo VII do seu *Tratado de Metafísica*, ele diz:

> Tantas cadeias visíveis a prostrar-nos durante quase toda nossa vida fizeram-nos crer que estamos igualmente acorrentados a todo o resto, e dizemos: ora o homem é arrastado com rapidez e violência por sacudidas que o agitam, ora é conduzido por um movimento tranquilo de que também não é senhor; é um escravo que nem sempre sente o peso e a infâmia dos seus ferros, mas é sempre escravo. Tal raciocínio, que é apenas a lógica da fraqueza humana, é em tudo semelhante a este: os homens ficam doentes algumas vezes, portanto, nunca têm saúde (Voltaire, 1984, p. 76).

Os sentimentos humanos, mesmo por vezes arrastando-os a tomar decisões incorretas, egoístas, imorais, têm na mesma medida capacidade de levá-los a ter compaixão, a agir moralmente, a fazer o bem. Segundo Voltaire, o ser humano possui dois sentimentos fundamentais para o bom convívio em sociedade: o amor-próprio e a benevolência com a espécie. O amor próprio, faz com que o indivíduo preze pelo seu bem-estar, de modo que aja de tal forma que se faça bem, preserve sua integridade; a benevolência, por outro lado, faz com que o indivíduo tenha compaixão com os demais, o que o leva a acudir, amparar, tanto a um grande querido quanto a um completo estranho:

> O homem não é como os outros animais, que têm apenas o instinto do amor-próprio e do acasalamento: não somente possui esse amor-próprio necessário à sua conservação, como também uma benevolência natural por sua espécie [...] Se uma cadela ao passar vê um cão, nascido da mesma mãe que ela, dilacerado em mil pedaços e todo ensanguentado, agarrará um pedaço sem ter a menor piedade, e continuará seu caminho [...] se o homem mais selvagem vir uma bela criança quase sendo devorada por algum animal, sentirá, apesar de si mesmo, uma inquietação, uma ansiedade que a piedade faz nascer e um desejo de ir em seu socorro (Voltaire, 1984, p. 78-79).

Nota-se, portanto, que é um equívoco pensar que as paixões, por si só, aprisionam o indivíduo, ao contrário, elas são fundamentais para que a liberdade se estabeleça, e ela, a liberdade, é a condição de possibilidade da felicidade, que é o objetivo que o jovem Arouet buscou atingir em toda sua vida: fazer a humanidade finalmente feliz, depois de tantos períodos de trevas. No entanto, na sua concepção, para que a sensibilidade não prejudique em seu descompasso, ela precisa ser guiada pela razão, pois é esta última quem move ao caminho desviante da infâmia, que guia para a "saída da caverna" e leva os indivíduos para a luz. A razão, conscientizando o ser humano da importância de ser moral, de agir coerentemente, o permite ser livre, porém, sem o auxílio das paixões para tocá-lo e fazê-lo desejar agir de tal modo, ela nada é capaz de fazer. Ainda no sétimo capítulo do *Tratado de Metafísica*, ele diz: "em vão podem dizer: o homem é determinado pelo prazer. Ao dizê-lo, admitem, sem pensar, a liberdade, pois fazer o que dá prazer é ser livre" (Voltaire, 1984, p. 77).

Desse modo, Voltaire pensou que a arte seria de grande utilidade civilizatória, e aqui aplica-se o que ele pensou por civilização, que, segundo Maria das Graças de Souza, é "[...] o conjunto dos desenvolvimentos produzidos pelo homem nas artes, nas ciências, nas técnicas, e, além disso, das transformações espirituais e morais que acompanham esse desenvolvimento, [por fim] a realização, nas sociedades humanas, dos valores estabelecidos pela razão" (Souza, 2001, p. 114). Em sua concepção, a arte é capaz de convencer o povo, ao incitar nobres

sentimentos, a agir moralmente, a desejar contribuir para viver em uma sociedade livre e finalmente feliz. E como, exatamente, a arte faz isso? Voltaire sugere em seu texto *Discours sur la tragédie à Mylord Bolingbroke*, de 1730, quando apresenta sua definição do teatro e a finalidade que uma peça deve ter:

> O teatro, seja o trágico seja o cômico, é a pintura viva das paixões humanas. [...] É necessário, ou que o amor conduza a infelicidades ou a crimes, para fazer ver o quanto ele é perigoso; ou que a virtude lhe triunfe, para mostrar que ele não é invencível (Voltaire, 1999-2005).

Ele deixa claro nesse trecho que, para ele, o valor utilitário da peça estava em, por seus meios e fins, condicionar o indivíduo à moral. Desse modo, fica evidente que, pela sua ótica, a arte deveria ser essa ferramenta "catártica" do ser humano, "limpando" toda impureza dos sentimentos e deixando apenas as virtudes, direcionando-o à razão para que esta intervenha em suas ações. Esse processo é realizado através da educação estética, não como ponto de partida, mas como ponto de chegada, essa educação é o resultado que o contato com uma arte instrutiva causa. Para ele, a liberdade humana "consiste [...] no poder de se autodeterminar a fazer o que lhe parece bom" (Voltaire, 1984, p. 77), e é isso que esse modelo específico de educação proporciona: o desejo de agir moralmente, na qual a autodeterminação da mente não contraria a satisfação dos sentidos. A experiência estética torna o ser humano puro, ou seja, moral, posto que educa o indivíduo a partir de sua percepção sensível, convence-o a tomar decisões racionais por intermédio dos seus sentidos. Em seu texto *Educação das Meninas*, Voltaire expõe os benefícios do que se pode considerar uma educação estética. Via um belo conto, apresentando seu talento como *philosophe*, ele é fiel às suas próprias sugestões, colocando em prática sua teoria acerca desse tipo de educação e das vantagens que ela acarreta. Em um diálogo entre duas jovens amigas, Mélinde e Sophrone, a primeira estimula a segunda a se casar com um rapaz a quem Sophrone tem grande estima, acreditando que, em se tratando de um rapaz que além de ser apresentado como um "bom pretendente", ama-a – e a recíproca é verdadeira –, não haveria motivo para que esta não lhe desposasse. Sophrone, contudo, surpreende a amiga, alegando que jamais o desposará, pois, apesar de seus sentimentos inclinarem-se a ele, o mesmo possui um caráter duvidoso, uma vaidade nociva, de modo que, a longo prazo, ele seria incapaz de fazê-la feliz. Presume que desposará outro, por quem sua estima não é pujante, no entanto, possui caráter confiável, digno de proporcioná-la uma boa vida. Mélinde, impressionada com a venerável maturidade de sua amiga em não escolher um prazer imediato em virtude de um

benefício duradouro, a questiona de onde vem tamanha sabedoria e liberdade para tomar uma decisão tão difícil com tão pouca idade. Sua amiga lhe responde que deve isso à educação que recebeu de sua mãe, que, ao invés de colocá-la num convento, onde as jovens "enterram-se na estupidez os seus belos primeiros dias [e] não se aprende mais do que aquilo que é preciso esquecer para toda a sua vida" (Voltaire, 2018, p. 151-152), a educou para a vida, a ensinou a viver bem em sociedade, e lhe proporcionou os palcos como escola:

> Ela me levou a todos os espetáculos que inspiram o gosto sem corromper os costumes, nos quais se expõe ainda mais os perigos das paixões que seus charmes, nos quais a decência reina, nos quais se aprende a pensar e a se exprimir. A tragédia me pareceu, frequentemente, a escola da grandeza da alma; a comédia, a escola das conveniências; e ouso dizer que essas instruções, que só se olham como brincadeiras, foram-me mais úteis que os livros (Voltaire, 2018, p. 153).

Desse modo, Sophrone elucida a potência que a arte tem em instruir, em indicar os bons costumes e conduzir os indivíduos à liberdade, logo, à felicidade. Por trás dessa aparente despretensiosa conversa entre duas meninas, encontra-se em uma obra a defesa do que se pode verificar educação estética como instrumento de combate civilizatório.

O que se percebe particularmente nesse conto, é uma educação estética sobre a educação estética, forma e conteúdo se mesclam, como sempre para *philosophe*, pois une a obra de arte ao próprio processo de "superar as tensões que não deixam de se estabelecer entre os apelos dos maus instintos e as sugestões da razão" (Riout, 2010, p. 667-668). Por fim, nele, se apresenta o pensamento voltairiano acerca do que se constata como educação estética, pensamento esse sobre o qual Voltaire se debruçou em toda sua trajetória, explicitam-se, pois, os intentos pelos quais ele defende uma arte que hoje se denomina engajada, que, na sua concepção, liberta os seres humanos da escuridão em que estão aplacados.

SCHILLER E QUEM REALMENTE DEVE DESCER À ARENA

O espaço e o tempo nos quais Schiller se apresentara eram diferentes dos de Voltaire, uma vez que no caso daquele, sua vida se ambientara na Alemanha do final do Século XVIII, no entanto, o contexto não era tão distante, de modo que ambos viveram no "século das luzes". Por ter visto eclosão da Revolução Francesa e, principalmente, sua pior fase, conhecida como "Fase do Terror", na qual mais de 16.000 pessoas morreram de forma abrupta, o então médico alemão decidiu se dedicar à antropologia e à filosofia, em busca de compreender as causas, os

efeitos e, sobretudo, a solução para esse problema que, apesar de local, circundava toda a Europa no período. O que mais intrigava Schiller era a ideia que *esse* era o século do "esclarecimento", devido ao movimento Iluminista, que se expandiu por todo o continente no setecentos, contendo ideias gerais no todo, mas especificidades em cada ambiente onde se colocava. Como, no momento onde as mentes tanto se esclareciam, havia tanta selvageria, tanta violência entre os seres humanos? Essa foi a pergunta que motivou sua pesquisa por anos. Ele logo percebeu que o contexto político se dera por questões morais, que o movimento que buscava emancipar os indivíduos não havia sido capaz de o fazer, pois, se tivesse sucedido, a França não estaria passando por um dos momentos mais sanguinários da história. Ainda que o fundamento da Revolução fosse moral, a solução seria a liberdade humana, mas antes de liberdade política, formação moral, e esta, só seria alcançada através da estética. Ao chegar a essa conclusão, o estudo de Schiller se tornou, segundo Habermas, "o primeiro escrito programático para uma crítica estética da modernidade" (Habermas, 2000, p. 65). O que deu vazão para o pensamento de Habermas foi o fato de Schiller ter enxergado, num contexto político em que se enxergava apenas o valor da razão, a necessidade de voltar-se para a sensibilidade e verificar, no sentido mais forte do termo, as possibilidades que ela proporcionaria em termos de liberdade ao indivíduo. Em uma de suas muitas cartas ao seu mecenas, o Príncipe de Augustenburg, ele diz:

> A necessidade mais urgente de nossa época parece-me ser o enobrecimento dos sentimentos e a purificação ética da vontade, pois muito já foi feito pelo esclarecimento do entendimento. Não nos falta tanto em relação ao conhecimento da verdade e do direito quanto em relação à eficácia desse conhecimento para a determinação da vontade, não falta tanta *luz* quanto *calor*, tanta cultura filosófica quanto estética (Schiller, 2014, p. 79-80, grifo do original).

Assim, ele pensou ser necessário um estudo da estrutura da subjetividade do ser humano, fazendo uma análise transcendental, ou seja, das condições de possibilidade da mente humana. Ao fazer essa pesquisa, ele percebeu que a mente dos indivíduos é formada por duas faculdades, que ele chama de "impulsos", sendo um sensível e outro racional, ambos com igual importância para a constituição da humanidade. O que vinha ocasionando o problema moral no século XVIII era, paradoxalmente, a supervalorização da racionalidade em prol da sensibilidade, que levava os indivíduos a suspenderem parte constituinte da sua humanidade, o impulso sensível. Nesse tempo, no qual "a *utilidade* é o grande ídolo" (Schiller, 2017, p. 23, grifo do autor), a ciência é cada vez mais valorizada e a arte cada vez mais desconsiderada, fazendo com que essa seja

praticamente esquecida pelos próprios filósofos e pela sociedade como um todo. Para Schiller, isso é um risco para o ser humano, posto que quanto mais as pessoas se afastam da arte, mais distante da liberdade elas ficam.

> O curso dos acontecimentos deu ao gênio da época uma direção que ameaça afastá-lo mais e mais da arte do Ideal. Esta tem de abandonar a realidade e elevar-se, com decorosa ousadia, para além da privação; pois a arte é filha da liberdade e quer ser legislada pela necessidade do espírito, não pela privação da matéria (Schiller, 2017, p. 23).

Para o filósofo alemão, como herança que herdou de Kant, na *Crítica da Faculdade de Julgar*, a arte bela deve ser "desinteressada", ela não pode ter como elemento decisivo alguma intenção, não se deve imputar a ela uma proposta, pois ela não deve direcionar a mente humana, justamente o contrário. Mas, ao contrário do pensamento kantiano, Schiller pretende encontrar um elemento objetivo para a arte e para o gosto, que seja universalmente válido e enquadre a subjetividade do belo na objetividade da razão. Schiller acreditava que a solução para a "barbárie" e a "lassidão" seria a cultura estética.

A forma que Schiller encontrou de "objetificar" o belo, foi não buscar "pular" do estado natural para o ético (que fora a intenção da *Aufklarüng*), mas passar, antes pelo estado estético, que prepararia o indivíduo do primeiro estado para o último: "para resolver na experiência o problema político é necessário caminhar através do estético, pois é pela beleza que se vai à liberdade" (Schiller, 2017, p. 24). Para Schiller, cada estado corresponde a um impulso: o estado natural, ao impulso sensível, e o estado ético, ao impulso racional. No entanto, ao descobrir o estado estético, ele percebe que além dos dois impulsos naturais do ser humano, razão e sensibilidade, há um terceiro impulso, que corresponde a esse estado, ele o chama de "lúdico". Ou seja, não existem dois estados apenas, o estado natural, da sensibilidade, e o estado ético, da racionalidade, mas também há um terceiro estado, o estado estético, que equivale ao impulso lúdico.

Este impulso, que se encontra no estado estético, é o que, para Schiller, garante a objetividade do belo. Neste estado ocorre algo de diferente dos outros: não há sobreposição de um impulso sobre outro. O nome "lúdico" que o filósofo dá ao impulso em voga neste estado é bem sintomático, pois se trata de um impulso que "joga". Há, no estado estético, uma espécie de "jogo" entre razão e sensibilidade, entre forma e matéria e, embora ambos busquem sempre suprimir um ao outro, eles não sucedem, de modo que estão sempre em equilíbrio,

harmonizados. Na carta XV d*'A Educação Estética do Homem*, o autor discorre significativamente sobre este impulso, aqui, far-se-á uma análise desta carta:

Schiller começa esta carta explicando que o objeto do impulso sensível é a vida (no sentido da matéria) e o do impulso formal é a forma (no sentido das leis formais). Já o objeto do impulso lúdico, por ser uma junção dos dois impulsos originários, é a "forma viva". "O objeto do impulso lúdico, representado num esquema geral, poderá ser chamado de forma viva, um conceito que serve para designar todas as qualidades estéticas dos fenômenos, tudo o que em resumo entendemos no sentido mais amplo por beleza" (Schiller, 2017, p. 73). O objeto do impulso sensível é a vida. Ele tende a "todo o ser material e toda a presença imediata nos sentidos." (SCHIp. 73). O objeto do impulso formal é a forma. Ele tende a "todas as disposições formais dos objetos e todas as suas relações com as faculdades de pensamento" (p. 73). Nós nos relacionamos com o mundo de acordo com os dois impulsos, o mundo toca nossos sentidos e nossos pensamentos. A beleza, objeto principal de seus estudos, é a representação dessa "forma viva", união da vida física com a Ideal. Ela nem é só vida, pois não cabe na finitude da matéria, como não é só forma, não cabendo somente no campo das Ideias. Vale observar que nem tudo é arte, nem tudo é belo. Há objetos que possuem qualidades estéticas que Schiller chama de beleza. Forma viva é beleza. Nem tudo que é vivo é belo, mas o belo não é só vida, é também forma. Somente o belo instiga o terceiro impulso, que é o equilíbrio, que é o que se busca como solução para o problema moral, que é base do político.

Ele mostra, nesta carta, que de nada serve apenas a forma, do mesmo modo apenas o sentimento. A alma necessariamente deve ser completa para que o ser humano possa contemplar e julgar a verdadeira beleza, através dos sentimentos e da razão. Por isso que se precisa do impulso lúdico, pois ele une forma e matéria e guia à "forma viva".

> Enquanto apenas meditamos sobre sua forma, ela é inerte, mera abstração; enquanto apenas sentimos sua vida, esta é informe, mera impressão. Somente quando sua forma vive em nossa sensibilidade e sua vida se forma em nosso entendimento o homem é forma viva, e este será sempre o caso quando julgamos o belo (Schiller, 2017, p. 73).

Quando os dois primeiros impulsos se aliam, a sensibilidade, por não se sentir mais ameaçada pela moral, passa naturalmente desejar as leis, entrando em acordo com a razão. A forma não mais se preocupa com a matéria, nem a matéria com a forma, as duas então perdem a rigidez por poderem agir livremente sem anular uma à outra. "Numa palavra: quando entra em comunidade com as Ideias, o real perde a sua seriedade por tornar-se pequeno, assim como

o necessário perde a sua por tornar-se leve ao encontrar a sensibilidade" (Schiller, 2017, p. 75). Então ele chega a indagar, no lugar de outra pessoa, o porquê da beleza "se resumir" a um jogo, e ele próprio o defende. Ele diz que o jogo que "movimenta" o ser humano, ele que dá vida à vida. O "homem" joga com a beleza justamente porque é ao que ele deve dar mais valor e lidar com mais sabedoria e cautela, é o jogo o único capaz balancear o "finito e o infinito", capaz de "desdobrar de uma só vez sua natureza dupla", sendo assim o único capaz de solucionar o problema da humanidade, a saber, a falta de liberdade.

> O que significa, entretanto, dizer mero jogo, quando sabemos que, de todos os estados do homem, é o jogo e somente ele que o torna completo e desdobra de uma só vez sua natureza dupla? O que chamais de limitação de acordo com vossa maneira de representar o problema, segundo a minha, que justifiquei com provas, chamo ampliação. Eu diria, pois, o inverso: com o agradável, com o bem, com a perfeição, o homem é apenas sério; com a beleza, no entanto, ele joga (Schiller, 2017, p. 75).

Ele finaliza a carta dando o exemplo de uma obra que fazia parte da famosa coleção de peças da Antiguidade de Mannheim chamada, *Juno Ludovisi*, a qual ele aparentemente reconhece como uma obra bela porque ela cumpre o que a verdadeira arte propõe; nos fazer vagar pelos dois mundos, unindo em nossa alma os dois impulsos por meio da contemplação.

> Toda a figura repousa e habita em si mesma, criação inteiramente fechada que não cede nem resiste, como se estivesse para além do espaço; ali não há força que lute contra forças, nem ponto fraco em que pudesse interromper a temporalidade. Irresistivelmente seduzidos por um, mantidos à distância por outro, encontramo-nos simultaneamente no estado de repouso e movimento máximos, surgindo aquela maravilhosa comoção para a qual o entendimento não tem conceito e a linguagem não tem nome (Schiller, 2017, p. 77).

Em suma: A beleza aparece para Schiller como condição de possibilidade da liberdade, e, por conseguinte, da humanidade propriamente dita. Ela é objeto comum do sensível com o racional, e está associada à palavra "lúdico", pois nela, essa harmonia se dá através do jogo. O jogo é necessário, mas não é obrigatório, pois não constrange, não é coercitivo. É necessário porque não tem como ser de outra maneira na obra bela, não é obrigatório porque não a mente humana não se harmoniza porque deve, mas sim porque deseja-se. Só quando o indivíduo joga, ele é ser humano, e o que possibilita esse jogo é a beleza. O que está em "jogo" é a capacidade da obra de tocar, as mentes e os corações humanos, o poder que ela possui de harmonizar ambos impulsos.

VOLTAIRE E SCHILLER: COMO A EDUCAÇÃO ESTÉTICA DEVE CONFIGURAR A MENTE HUMANA

Na tradição da qual Voltaire fez parte, a saber, as Luzes francesas, era característica do *philosophe* a preocupação com o efeito prático do pensamento. Ou seja, havia uma real preocupação do filósofo em se enquadrar na crítica que os próprios franceses faziam aos metafísicos, que chamavam de "filósofos de gabinete", que, segundo eles, seriam os filósofos que não estavam preocupados com a ação prática dos seus pensamentos. Em sendo assim, Voltaire sempre teve grande preocupação com a "utilidade" das coisas, para ele, tudo deveria ser considerado ou desconsiderado a partir da sua utilidade ou inutilidade. "Para que isso serve aos seres humanos? Como isso pode lhes indicar uma melhor forma de ser, de pensar, de agir moralmente?" – perguntaria Voltaire. Com a filosofia, não faria diferente, muito menos com a arte. Ele propôs, à vista disso, que a filosofia deveria "descer à arena" – como afirma em seu *Dicionário filosófico* - e, através da arte, instruir os indivíduos moralmente. Pensou que a própria filosofia se constituía de ação, o ato de filosofar se encontrava no exercício do pensamento filosófico, exercício esse que deveria se fazer da arte como manifestação. Como colocou Vladimir Mota:

> [...] literatura e filosofia fundem-se na obra voltairiana. Com a estratégia de dar a sua escrita uma eficácia política, seus textos apresentam-se como obras de arte. Ou seja, em Voltaire há uma pretensão de intervenção pedagógico política de sua obra, manifesta em estratégia e prática específicas, que considera uma certa forma de eficácia política da arte (Mota, 2019, p. 224).

Pela sua ótica, a arte deveria ser uma ferramenta "catártica" do ser humano, "limpando" toda impureza dos sentimentos e deixando apenas as virtudes, direcionando-o à razão para que esta "tomasse frente" de suas ações. Esse processo que tornaria o ser humano puro, ou seja, moral, Voltaire chamaria de educação estética, esta então era vista como condição de possibilidade da liberdade do homem, necessária para torná-lo ético e feliz.

A Educação Estética, para ele, configuraria a alma humana de tal modo que a razão se sobreporia à sensibilidade. Na sua concepção, essa educação teria sucedido se a arte conseguisse convencer o ser humano de que a razão deve ser o leme a guiar as paixões. Isso porque, no seu pensamento, a liberdade só se efetivaria se a razão condicionasse o sentimento, posto que se deixar levar pelo coração só não é perigoso se ele te levar para o mesmo lugar que sua mente o levaria.

> A obra filosófico-literária de Voltaire pretende, assim, afetar a imaginação, moderando as paixões e, consequentemente, educar as pulsões, corrigir os costumes, combater toda forma da "infame", possibilitando à razão guiar o agir humano, conduzindo este, finalmente, à emancipação (Mota, 2019, p. 225).

Em inúmeros textos seus, inclusive em suas peças, a exemplo de *Educação das Meninas*, Voltaire deixa transparente sua percepção de que e liberdade provém da razão, no entanto, atenta para a necessidade da educação estética, pois, como foi dito anteriormente, ela soluciona o descompasso que sempre existiu entre as duas faculdades que constituem a alma humana, a faculdade de pensar e a de sentir. Ele assume, portanto, uma arte que hoje se denomina por "engajada", que se trata de uma arte que defende causas, que direciona a mente dos espectadores a pensar de acordo com quem a produziu. Essa arte "interessada" é a única arte útil, capaz de fazer algum bem à sociedade, pois o seu efeito consistiria no ensinamento dos bons costumes, somente ela "esmagaria a infâmia", libertando, assim, a humanidade.

Já para Schiller, a alma humana deveria se configurar de forma completamente diferente para que os indivíduos fossem livres. O filósofo alemão, naturalmente, foi influenciado pelo pensamento de seu tempo e espaço e, na Alemanha moderna, havia uma separação muito bem definida entre filósofo e artista. O filósofo seria aquele que trataria das questões do pensamento, o artista, do sentimento aliado ao pensamento. Cabia, assim, ao filósofo, apenas pensar, e ao artista, agir, fazer sentir, na mesma medida que incita o pensamento. Ele afirma, em uma de suas cartas à Augustenburg:

> Como se saber, atua-se sobre o caráter pela *retificação dos conceitos* e pela *purificação dos sentimentos*. Daquela se ocupa a cultura *filosófica*, desta, preferencialmente, a cultura *estética*. O esclarecimento dos conceitos não pode consegui-lo sozinho, pois da cabeça ao coração há ainda um amplo caminho e a maior parte dos homens é de longe determinada por sensações para o agir. Mas o coração apenas é um guia igualmente inseguro e a mais delicada sensibilidade (*Empfindsamkeit*) torna-se apenas uma presa mais fácil da exaltação (*Schwärmerei*) quando um entendimento lúcido não a conduz. A saúde da cabeça terá pois de reunir-se com a pureza da vontade, se o caráter deve chamar-se perfeito (Schiller, 2014, p. 79, grifo do autor).

Convencido, como o filósofo francês, de que a solução para os problemas morais era a arte, por meio da educação estética, ele divergiu no modo em que a subjetividade humana deve se configurar para proporcionar essa liberdade que ambos tanto almejavam. Diferentemente de Voltaire, para Schiller, a arte só tornaria os indivíduos morais, e, assim, livres, se ela fosse autônoma. O que isso significa? Que a arte só liberta se ela for, como Kant chamou, "desinteressada", se não indicar nenhum caminho ao espectador. Isso porque, para ele, o

"descompasso" que existe entre razão e sensibilidade só pode ser superado se as duas faculdades, ou, como ele chama, os dois impulsos, estiverem equiparados. Como o espírito da modernidade encontra-se manchado por "selvageria" e "lassidão", a arte não pode ser produzida a partir disso, pois se assim for, só servirá de manutenção para o regime estabelecido:

> Mas, para que a arte não encontre a infelicidade de naufragar na imitação do espírito da época, que ela deve elevar a si, tem de ter *ideais* que lhe apresentem constantemente a imagem do sumo belo; por mais profundamente que a época possa se aviltar, ela terá de se pôr em segurança, mediante um *código de leis* próprio, diante tanto do despotismo de um gosto local e unilateral como da anarquia de um gosto tornado selvagem (da barbárie). Ela possui ideais em parte já nos modelos imortais que o gênio grego e o gênio de alguns inovadores dele apresentados deram à luz, e que, eternamente inalcançados, sobreviverão a toda mudança do gosto da moda (Schiller, 2014, p. 83, grifo do autor).

Suas reflexões filosóficas lhe mostraram que, pelo fato de os seres humanos serem compostos de uma natureza mista, ao sobrepor um impulso em relação ao outro, ele estaria negando a sua própria natureza, que lhe impôs dois impulsos igualmente necessários para sua sobrevivência. Para que o ser humano atue sobre sua humanidade, ele deve ter harmonizados seus dois impulsos, pois, se racionalizar em detrimento de sentir, será bárbaro, e se sentir em detrimento de racionalizar, será selvagem, mas nunca efetivamente humano. Essa harmonia, todavia, só será possível através da arte, mas, como dito anteriormente, uma arte "desinteressada", uma arte livre, que não suprima nenhum impulso em prol do outro, que não direcione nem o pensamento nem o sentimento, que não indique nem o que pensar, nem o que sentir, que proporcione uma experiência verdadeiramente estética no sentido schilleriano do termo.

CONCLUSÃO

O que esse trabalho pretende destacar é o que se considera ser a principal diferença entre o pensamento voltairiano e schilleriano, a saber, como a educação estética deve configurar alma humana para que os indivíduos sejam livres.

Nota-se que, apesar de ambos convergirem na ideia de que a educação estética é a única coisa capaz de libertar, sendo assim, a solução para os problemas políticos da sociedade moderna, eles divergem em como a estética educa os seres humanos. Essa diferença ocorre por alguns motivos, mas, o principal deles, é o imediatismo de Voltaire e a metafísica de Schiller. Por ser um *philosophe*, Voltaire tem uma certa "pressa" de libertar os seres humanos, pois ele

mesmo quer ter o prazer de "esmagar a infâmia", por consequência, ele age para formar a população a partir de ideais racionais, morais, bons para o coletivo. Ele atua para ver a mudança que deseja, ver o edifício da superstição desmoronar, e ver as mentes trazerem à luz a verdade, ver os seres humanos operando a partir de suas liberdades e encontrarem a felicidade. Diz ele: "[...] os homens se conduzem pelo hábito e não pela metafísica. Um único homem, eloquente, hábil e acreditado, poderá muito sobre os homens; cem filósofos nada poderão, se forem apenas filósofos" (Voltaire, 1989, p. 312). Já Schiller, por ser um metafísico, tem noção da demora que leva para que seu projeto seja efetivado, ele próprio diz que essa mudança é "trabalho para mais de um século" (Schiller, 2017, p. 44), então, tal qual um projeto pedagógico, não foi pensado para que os resultados fossem imediatos, no entanto, pensava que, por levar séculos para se construir, consequentemente levaria séculos para destruir, garantindo por muito tempo a moralidade na vida social.

Independente de qual dos dois estava certo, isto é, de qual forma de arte, engajada ou desinteressada, liberta os seres humanos, o fato é que esse debate se estende até os dias de hoje. Voltaire seria um apoiador dar artes de rua, que protestam reivindicando seus direitos políticos e sociais? E Schiller, defenderia a arte contemporânea? Essas obras que, ao invés de nos indicar caminhos, "jogam" com nossos impulsos e fazem os indivíduos questionarem seus significados ou até mesmo se elas são realmente arte? São questões que não nos compete responder, apenas especular, mas acredito que ambos nos ajudam a fundamentar a importância de todas as formas de arte e defender sempre a importância da educação estética na formação do ser humano.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ricardo. **Schiller & a cultura estética**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2004 (Filosofia Passo-a-passo).

BARBOSA, Ricardo. **A especificidade do estético e a razão prática em Schiller**. Revista Kriterion, Belo Horizonte, n. 112, p. 229-242, 2005.

BOISDEFFRE, Pierre de. Voltaire est-il um philosophe? *In*: BLUCHE, François *et al*. **Voltaire**. Paris: Hachette, 1978.

FORTES, Luiz R. Salinas. **O iluminismo e os reis filósofos**. São Paulo: Brasiliense; 3ª edição, 1985 (Tudo é história 22).

HABERMAS, Jiirgen. **O discurso filosófico da modernidade**: doze lições. Tradução: Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KANT. **Crítica da faculdade de julgar**. Tradução: Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Vozes, 1ª edição, 2016.

MONTESQUIEU. **Cartas Persas**. Tradução: Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Nova Alexandria, 2005.

MOTA, V. **A presença da ideia de combate no teatro de Voltaire**. A Palo Seco, São Cristóvão, SE, ano 9, n. 10, p. 85-93, 2017.

MOTA, Vladimir. **Filósofo e Filosofia nas Luzes francesas**. Revista Enunciação, Seropédica, RJ, vol. 2, n. 2, p. 89-98, 2017.

MOTA, Vladimir. Arte e política: uma leitura da obra voltairiana à luz de Jacques Rancière. **Prometheus**: Journal of Philosophy, São Cristóvão, SE, n. 31, p. 223-234. sept-dec. 2019.

NASCIMENTO, Maria das Graças Souza do. **Voltaire**: a razão militante. São Paulo: Editora Moderna Paradidático; 2ª edição, 1996 (Coleção "Logos").

SOUZA, Maria das Graças de. **Ilustração e história**: o pensamento sobre a história do Iluminismo francês. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

RIOUT, Denys. Éducation. In: SOURIAU, Étienne. **Vocabulaire d'esthétique**. Paris: PUF, 2010. p. 667-668.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**: numa série de cartas. Tradução: Roberto Schwarz e Márcio Suzuki; introdução e notas Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2017.

SCHILLER, Friedrich. **Cultura estética e liberdade**. Organização e tradução: Ricardo Barbosa. São Paulo: Editora Hedra, 2014.

VOLTAIRE. **Educação das Meninas**. Tradução: Vladimir de Oliva Mota. São Cristóvão: Revista Prometeus, 2018.

VOLTAIRE. **Os pensadores Voltaire/Diderot**. Edição: Victor Civita. Tradução: Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1ª edição, 1984.

VOLTAIRE. Discours sur la tragédie à Mylord Bolingbroke. *In*: **Ouvres completes de Voltaire**. L'édition Moland. Paris: Garner, 1875.